

SAÚDE E MEIO AMBIENTE: SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA NA ÁREA DA SAÚDE

Silviamar Camponogara*
Sabrina Gonçalves Aguiar Soares**
Cibelle Mello Viero***
Paola da Silva Diaz****
Roger Rodrigues Peres*****
Gabriela Camponogara Rossato*****

RESUMO

O estudo objetivou conhecer como a temática ambiental vem sendo abordada no processo de formação profissional na área da saúde. Caracteriza-se como estudo qualitativo, do tipo descritivo-exploratório, realizado com acadêmicos dos cursos da área da saúde de uma instituição pública de ensino superior. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e analisados sob a orientação da análise de conteúdo. Os resultados apontaram para a necessidade urgente de se ampliar o debate sobre a interface saúde e meio ambiente, visto ser uma demanda contemporânea. Revelaram, ainda, que a abordagem da interface saúde e meio ambiente, quando ocorre, apresenta-se superficial e orientada por uma noção de causalidade, centrada no processo linear saúde e doença. Da mesma forma, não se percebeu o desenvolvimento de experiências acadêmicas relacionadas ao tema. Conclui-se que os cursos da área da saúde não abordam suficientemente a temática, trazendo repercussões negativas no que tange a responsabilidade socioambiental, por parte dos futuros profissionais.

Palavra-chaves: Enfermagem; Saúde ambiental; Educação superior; Meio ambiente; Ciências da Saúde.

INTRODUÇÃO

Uma das preocupações, típicas do contexto contemporâneo, que tem exigido um posicionamento dos indivíduos, está relacionada à atual problemática ambiental. A sociedade vivencia uma crise ecológica, cujas proporções ainda não são totalmente conhecidas, mas que tem exigido, em diferentes esferas, a adoção de medidas protetoras do meio ambiente. Nesta vertente, entende-se ser fundamental utilizar os recursos ambientais de maneira sustentável, repensando a necessidade desenfreada de consumo e consequente produção de poluentes, que vem exaurindo não somente tais recursos, mas também a saúde humana, tendo em vista a posição secundária que a qualidade de vida tem ocupado, em detrimento da busca de ganhos

financeiros, para manutenção do padrão de vida contemporâneo⁽¹⁾.

Apesar da importância da temática, a discussão sobre a inter-relação entre a saúde e o meio ambiente, especialmente no Brasil, ainda precisa avançar. Essa perspectiva se torna ainda mais relevante, por ser esse um debate ainda incipiente no campo da saúde e que detém centralidade no viés epidemiológico, com foco em doenças transmissíveis, nas produções científicas sobre o tema⁽²⁾. Entende-se assim, que a temática ambiental precisa ser melhor debatida no âmbito da formação e da prática profissional. Contudo, para além de um debate conceitual, o que se defende é uma discussão aprofundada, que remeta os sujeitos a uma reflexão ética sobre o tema, na expectativa de buscar-se a necessária responsabilização com a causa ambiental, nos cenários do ensino e do trabalho, no campo da

*Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente. Universidade Federal de Santa Maria. Departamento de Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: silviaufsm@yahoo.com.br

**Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: enfsabrinasoares@yahoo.com.br.

***Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cibellemelloviero@gmail.com

****Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: paolinha_diaz@hotmail.com

*****Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: roger_rpp@yahoo.com.br

*****Acadêmica do 7º semestre de Enfermagem. Universidade Federal de Santa Maria. Curso de Enfermagem. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: gabriela_rossato@yahoo.com.br

enfermagem e saúde⁽³⁾.

A partir deste panorama, torna-se inevitável que surjam questionamentos sobre a forma como esse tema vem sendo abordado no âmbito dos cursos da área da saúde, muito embora, as Diretrizes Curriculares de vários deles, mencionem a abordagem do aspecto ecológico como fundamental na formação dos profissionais da saúde. Esta perspectiva é reforçada por estudos que apontam a fragilidade existente na abordagem da temática, a importância da realização dessa inter-relação saúde e ambiente na formação profissional e, ao mesmo tempo, relatam iniciativas enriquecedoras com relação ao tema^(4,5,6).

Diante do exposto, foi desenvolvido o estudo, orientado pela seguinte questão de pesquisa: como a temática ambiental vem sendo abordada na formação profissional em saúde? Para tanto, constituiu-se como objetivo da investigação: conhecer como a temática ambiental vem sendo abordada no processo de formação profissional na área da saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, visto ser o mais adequado para investigações que abordem questões relativas a fenômenos subjetivos⁽⁷⁾. A investigação classifica-se como descritivo-exploratória, tendo sido realizada com vinte e quatro acadêmicos da área da saúde de uma instituição pública de ensino superior do sul do Brasil.

Os dados foram coletados durante os meses de agosto a setembro de 2010, buscando-se manter certa proporcionalidade entre os sujeitos, os quais foram sorteados a partir de uma listagem previa obtida nas coordenações de cada curso. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas com quatro acadêmicos do curso de enfermagem, cinco de medicina, cinco de fisioterapia, quatro de fonoaudiologia, três de farmácia e três de odontologia. Constituíram-se em critérios de inclusão: ser acadêmico de um dos cursos da área da saúde da instituição pesquisada e estar cursando o último ano do respectivo curso. O encerramento da coleta de dados obedeceu ao critério de saturação de dados, balizada pela presença da repetição de informações no conteúdo das entrevistas, assim

como, pela observância de alcance de respostas para o objetivo do estudo.

A obtenção dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com questões norteadoras sobre a concepção dos sujeitos frente: ao meio ambiente; à problemática ambiental; desenvolvimento de ações ambientalmente responsáveis; a relação saúde e meio ambiente; a abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação acadêmica e responsabilidade ambiental. As entrevistas foram realizadas por entrevistadores previamente treinados, em local reservado, sendo gravadas e, posteriormente, transcritas pelos próprios entrevistadores. Os sujeitos foram identificados de acordo com o curso de graduação e o número correspondente à entrevista.

Os dados foram analisados de acordo com o referencial proposto para análise de conteúdo⁽⁸⁾, obedecendo as seguintes etapas: reunião do *corpus* de dados, realização de leitura flutuante dos achados, realização de leitura aprofundada a fim de constituir categorias de análise, e, análise interpretativa das categorias e discussão com a literatura pertinente.

Com o intuito de corroborar os achados, foi realizada a análise dos Projetos Pedagógicos dos cursos a que os sujeitos estavam vinculados. Para isso, após captura dos documentos disponíveis nas páginas virtuais dos cursos, foi realizada uma leitura atenta, particularmente no que se refere ao perfil profissional, objetivos dos cursos e grade curricular.

O estudo obedeceu aos preceitos indicados para pesquisa com seres humanos, somente havendo coleta de dados após aprovação institucional e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (CAAE Nº 0014.0.243.000-10).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo, em geral, revela que os acadêmicos encontram-se impactados pela atual problemática ecológica, na medida em que demonstram ter noção da gravidade dos efeitos da crise ambiental. Também é visível a crença na estreita interface entre problemas ambientais e problemas de saúde, os quais afetariam mais as populações menos favorecidas economicamente. Entretanto, entende-se que as informações sobre

o tema são obtidas por meio da divulgação midiática, tendo em vista que, são pouco enfatizadas e discutidas no processo de formação profissional na área da saúde, conforme categorias descritas a seguir.

Abordagem superficial sobre a interface saúde e meio ambiente

Os dados revelam que a abordagem sobre a interface saúde e meio ambiente, quando ocorre, apresenta-se superficial e orientada por uma noção de causalidade, centrada no processo linear saúde e doença. Dessa maneira, o relato a seguir evidencia o momento em que a graduação oferta o contato com a temática.

Teve, pelo início do curso a gente tem a disciplina de saúde pública, mas poucos tópicos são na parte do meio ambiente [...] a abordagem é meio pequena. (Fisioterapia 05)

Como pode se observar, a abordagem sobre a interface saúde e meio ambiente ocorreu no início da formação acadêmica, principalmente em disciplinas vinculadas a área da saúde pública. Este achado é reforçado quando nos remetemos aos acadêmicos do curso de enfermagem, para quem a abordagem da questão foi realizada em uma disciplina, que embora se propusesse a aprofundar o debate, ocorre de forma bastante pontual.

Em geral os resultados apontam para a ausência, ou quando muito, superficialidade na abordagem da interface saúde e meio ambiente, no processo de formação profissional na área da saúde. Esta perspectiva também é evidenciada em outro estudo realizado com acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior do interior paulista, onde se observou que, embora os sujeitos elaborem conceitos sobre meio ambiente e sua relação com a atuação profissional, esses parecem superficiais e não remetem a discussões mais críticas ou intervenções profissionais futuras efetivas⁽⁴⁾.

Assim, ampliar a concepção de saúde no sentido de incorporar outras dimensões, particularmente o aspecto ambiental, é essencial, no intuito de buscar-se efetivo comprometimento com a qualidade de vida das populações, com o desenvolvimento sustentável e com a preservação do planeta. Isso implica em refletir sobre saúde, concebendo-a como histórica e

socialmente construída, o que caracteriza sua determinação social, que tem na vida seu objeto, que está ameaçada pelo atual modo de produção e consumo⁽⁹⁾.

Percebe-se também, por meio da associação entre meio ambiente e a ocorrência de enfermidades, por parte dos sujeitos, que a abordagem é, em alguns cursos, realizada com ênfase na doença. Essa constatação fica evidente no depoimento a seguir:

Que eu me lembre também não assim, só, justamente como eu falei antes, algumas patologias que tem o ciclo relacionado ao hospedeiro, meio ambiente, foi comentado alguma coisa, mas não especificamente assim. (Medicina 03)

Ressalta-se que a relação existente entre o ambiente e a causa de doenças não compreende uma concepção errônea. Porém, tendo em vista a necessidade de implementar-se uma formação orientada por uma noção mais abrangente sobre o processo saúde-doença, calcada na multidimensionalidade de fatores que estão implicados no processo de viver saudável, a existência de abordagens ainda orientadas pela relação linear de causa-efeito é algo a ser debatido.

De acordo com os resultados deste estudo, a proposição de reflexões sobre a temática, por meio de disciplinas isoladas, parece não ser suficiente para mobilizar os sujeitos em prol da causa ambiental. Esse fato marca a importância da temática ambiental ser considerada um tema transversal, a ser abordado ao longo do processo formativo⁽¹⁰⁾. Além disso, a manutenção de uma orientação formativa alinhada ao vínculo entre saúde e meio ambiente, com base na abordagem restrita a patologias, traduz o paradigma que tem norteado, ainda, a formação em saúde, ancorado na vertente positivista, biologista, com foco na doença, na cura, na hospitalização e medicalização.

Apesar das mudanças curriculares, o modelo de formação profissional ainda se apresenta afastado da ideia de um olhar integral sobre o sujeito e o contexto onde se insere, bem como se distanciam das concepções sobre promoção da saúde e qualidade de vida⁽¹¹⁾. No que tange à questão ambiental, embora seja concebida como fator importante para o desenvolvimento humano, parece que na prática profissional não ocupa uma posição de relevância, sendo que,

essa ausência também se faz presente nos estudos que associam estratégias de promoção de saúde e relação entre homem-ambiente⁽¹⁰⁾.

Dessa forma, as aproximações entre a perspectiva ambiental e a promoção da saúde, quando ocorrem, ainda estão assentadas em certa tendência de entender qualidade de vida e saúde como mera ausência de doença⁽²⁾. Torna-se necessário, então, estimular a reflexão sobre a promoção da saúde, como um conjunto de estratégias que incluem ações intersetoriais e interdisciplinares, focalizadas em ambientes favoráveis à qualidade de vida dos indivíduos e famílias em espaços saudáveis⁽¹²⁾.

Lacunas na abordagem sobre a interface saúde e meio ambiente

De acordo com os entrevistados, ainda é expressiva a lacuna existente na abordagem sobre a interface saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde.

Não, não houve, ao longo de quatro anos e meio, eu praticamente nunca ouvi, nem mesmo disciplinas de cuidados de saúde, disciplinas de saúde pública, em disciplina de políticas de saúde, eu nunca ouvi nenhum professor, pelo menos desta área, mencionar alguma coisa em relação a isso. Nunca observei no meu curso, preocupação em relação ao descarte de materiais por parte de professores. Nunca observei também cuidado em relação a economia, ao uso consciente, por exemplo, de água dentro do hospital. Eu nunca ouvi nenhum professor, por exemplo, levantar uma questão dentro de uma sala de aula cruzando esse tipo de conversa, relacionando, por exemplo, problemas ambientais, o aquecimento global, a questão da poluição, nunca, nunca. (Fisioterapia 04)

Essa manifestação retrata um cenário de pouca ou nenhuma valorização do meio ambiente como parte indissociável do processo de viver humano e, portanto, do processo saúde-doença. A evidência de que, em diferentes cursos da área da saúde, essa temática não é abordada ou, quando muito, é realizada de forma pontual, com ênfase numa abordagem de saúde como ausência de doenças, é algo de extrema significação.

Contudo, destaca-se, dentre os depoimentos, o de um acadêmico que constata a necessidade de adaptação frente à problemática ambiental, denotando certa conformidade com as alterações ambientais e, conseqüentemente, o impacto dessas sobre a saúde das populações:

Eu acho que isso é uma consequência natural da urbanização, a mudança da epidemiologia das doenças, aumento da incidência de algumas, diminuição de outras. Então eu acho que nós assim; que a gente tem que se adaptar, saber que isso existe, que é um processo natural, inevitável, não tem como voltar atrás [...] Tentar fazer prevenção, eu acho que isso é mais importante, tentar prevenir. (Medicina 05)

Com base no exposto, depreende-se que o futuro profissional não está tendo a adequada instrumentalização para atuar de forma a contemplar a questão ambiental como parte inerente de seu fazer profissional, trazendo sérias repercussões, tanto no que tange ao desenvolvimento de ações preventivas e de promoção da saúde, como na congregação de esforços para minimizar os impactos ambientais advindos do processo de trabalho em saúde.

Em geral, os dados apontam para uma flagrante lacuna na abordagem sobre a interface saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde, o que pode se traduzir em dificuldades na consecução do propósito de alavancar um processo de conscientização dos acadêmicos durante a graduação, o que é extremamente relevante no atual contexto social.

Todavia, reitera-se que não é suficiente conscientizar os alunos sobre os problemas ambientais e suas consequências para os seres vivos, mas faz-se necessário que se estabeleçam ações concretas para a compreensão e a tomada de decisão, para o seu enfrentamento. Isso, obviamente, traduz-se em ações efetivas na comunidade e em instrumento de construção da cidadania⁽¹³⁾.

Nesse sentido, assumir a postura de formar para a integralidade do cuidado implica revisitar o pensar e o fazer pedagógico, revelando as concepções de educação que determinam a práxis educativa. Contudo, é preciso construir, nos modelos de formação dos profissionais de saúde, práticas pedagógicas que permitam a compreensão da totalidade como um pressuposto a ser construído, no decorrer do ensino. Para tanto, a educação precisa ser também integral e interdisciplinar, com base em referenciais crítico-reflexivos, permitindo a aquisição de competências e habilidades que assegurem um agir voltado para o ser humano, de forma a valorizar a sua subjetividade⁽¹³⁾.

Já as relações entre a subjetividade ecológica e as práticas pedagógicas - nomeadas frequentemente como educação ambiental - chamam atenção porque assumem o cuidado de si e do ambiente, como parte da formação de um sujeito, em harmonia consigo e com o ambiente. Estas práticas põem em evidência as relações entre natureza e cultura, que vêm se construindo no interior do pensamento ecológico⁽¹⁴⁾.

Nesse sentido, reitera-se a importância de inserir a discussão sobre a temática ambiental, na formação do profissional da saúde, tanto com a inclusão de disciplinas que abordem diretamente o assunto, como na condição de tema transversal, permitindo criar um vínculo mais claro e objetivo. Dessa forma, a atuação durante o processo de formação desses novos profissionais ocorrerá de maneira mais integrada e atualizada, permitindo que eles possam perceber a aplicação contextualizada dos conteúdos teóricos da área de saúde no ambiente “real”⁽¹⁾.

Com isso, pode-se observar que, apesar de alguns sujeitos estabelecerem algum tipo de relação ou de interface entre sua experiência acadêmica e a problemática ambiental, para outros, é evidente o fato de não conseguirem estabelecer conexões entre ambos, ou, quando muito, apresentarem uma noção muito vaga sobre o assunto. Esse dado evidencia uma distância entre os problemas ambientais e a experiência acadêmica, o que reforça a existência de uma reflexão e abordagem deficientes quanto às ações por parte desses futuros profissionais:

Até porque como essa problemática do meio ambiente está acima de nós, não tem como tu resolver assim, entendeu? (Medicina 01)

A gente vê que tem vários problemas, a gente ouve toda hora falar sobre os problemas que tem, só que a gente não faz quase nada por isso, a gente só pensa que tem que ter ações maiores, a gente não faz essas ações que podem ajudar. (Odontologia 03)

Este achado, relativo a uma fragilidade na abordagem sobre o desenvolvimento de ações ambientalmente responsáveis na formação profissional, é reforçado pelos depoimentos a seguir, que versam sobre o desenvolvimento ou não de ações de preservação ambiental, durante a vivência acadêmica.

Uma disciplina assim curtinha e também ao mesmo tempo ela não se contextualizou com o curso, ela ficou mais, só por uma disciplina assim que passou, que tu precisava cumprir, não que ela fizesse com que a gente se visse como agente de mudança, ou agente para preservar, ou como isso pode ser relacionado com a saúde. (Fisioterapia 02)

Mas eu não lembro alguma coisa tipo de preservação durante a faculdade não. (Medicina 01)

Não, é como já te respondi agora mesmo, a gente se preocupa é com a saúde bucal das pessoas, a gente olha para a boca das pessoas e vê o que tem que ser feito. (Odontologia 03)

A maioria dos respondentes manifestou que não há o desenvolvimento de ações de preservação ambiental na vida acadêmica, fato perfeitamente compreensível, diante da constatação de que não há, em geral, uma abordagem sobre o tema. Entretanto, há que se destacar a manifestação de Fisioterapia 02, ao lembrar que houve abordagem do tema, por meio de uma disciplina, mas que isso não foi suficiente para despertar os educandos para o desenvolvimento de ações. Além disso, a manifestação de Odontologia 03 é contundente, demonstrando que, a ênfase do processo formativo está direcionada para questões específicas da profissão, ofuscando um olhar mais contextualizado sobre os inúmeros aspectos que compõem a existência humana e o processo de ser saudável ou não.

Outra questão que merece destaque é a manifestação, por parte de um respondente, enfatizando que, além da falta de incentivo e instrumentalização do respectivo curso e seus docentes, ele também não se preocupava com o tema.

Nunca foi promovida nenhuma ação, nunca foi desenvolvido nada. Agora, um detalhe importante: não estou botando toda responsabilidade disso nos meus docentes, e na universidade em si. Eu também não me preocupei com isso. Por que tu fica muito, tu acaba virando uma marionete do sistema sabe, tu acaba se conformando, tu acaba aceitando tudo numa boa, só que, tu acaba se despreocupando em relação a isso, em função desse imediatismo, tu está preocupado com o teu hoje, e com o que tu vai vir a lucrar em função disso, então eu nunca vivenciei nada, no meio acadêmico não. (Fisioterapia 04)

Por outro lado, um acadêmico do mesmo curso, faz comentário que retrata um cenário contrastante com o anterior, apostando que essa questão tem relação com iniciativas individuais:

Não tem nenhum trabalho específico, mas a gente sempre orienta, quando a gente trabalha com os pacientes, porque a gente tem um contato muito próximo [...] a gente convive com essas pessoas, então a gente fala sobre vários assuntos, aborda vários assuntos, e quando a gente vê que é necessário a gente aborda algumas coisas de cuidado com a natureza, de com aonde eles vivem, e coisas, mas específico assim de preservação ambiental. (Fisioterapia 03)

O depoimento acima evidencia que, o desenvolvimento de um comprometimento com a causa ambiental também tem relação com um desejo pessoal dos indivíduos. Dessa forma, independentemente da abordagem formalizada na formação profissional, o desenvolvimento de ações de preservação também tem relação com valores e crenças pessoais.

Ainda no que tange ao desenvolvimento de ações de preservação ambiental, evidencia-se que, em alguns cursos, especialmente de enfermagem, fonoaudiologia e farmácia, o descarte dos resíduos sólidos nos locais de prática parece ser uma preocupação.

A única coisa que eu saberia te citar, diretamente, seria o descarte, a ação ambiental, o descarte de materiais, o descarte adequado de materiais de higiene e limpeza no setor de saúde. “[...]” Então eu acredito ter desenvolvido ações para, eu já fiz minha parte. Então eu sempre procurei ter uma visão ligada a preservar o ambiente, para desenvolver ações em saúde. (Enfermagem 02)

Nesse sentido, alguns respondentes ressaltaram que, apesar de saberem sobre a importância da segregação dos resíduos de saúde, ainda tem dúvidas e falta de conhecimento sobre o processo como um todo. Os sujeitos apontam, especialmente, a falta de conhecimentos sobre o destino final dos resíduos, o que coloca em dúvida a validade de sua ação de segregação de resíduos.

Vale destacar que, mesmo que a segregação de resíduos nos locais de prática tenha sido citada como ação de preservação, isso não significa que haja um trabalho sistemático de orientação dos acadêmicos, haja vista que muitos outros entrevistados sequer mencionaram esse

aspecto. No caso das instituições hospitalares, essa questão é algo que vem sendo estruturado no âmbito dos serviços especialmente, por conta do aporte legislativo que obriga os serviços de saúde a manterem um Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos em vigor⁽¹⁵⁾. Os acadêmicos em atividades práticas, inevitavelmente, acabam entrando em contato com as normas específicas dos serviços. No caso da enfermagem essa é uma questão que tem estado cada vez mais presente, tendo em vista que, o enfermeiro participa ativamente da elaboração de tais planos e tem tido a responsabilidade de auxiliar nesse processo, nos diferentes serviços em que atua.

De uma forma geral, os resultados obtidos por meio das entrevistas são corroborados pelos dados obtidos a partir da análise da grade curricular dos cursos investigados. Nesse sentido, evidenciou-se que apenas o Curso de Enfermagem possui uma disciplina destinada a discutir, especificamente, as questões relacionadas ao meio ambiente. Ressalta-se que, todos os cursos investigados passaram por um processo de reforma curricular recente, orientado por legislação específica e baseado nas respectivas Diretrizes Curriculares, homologadas entre os anos de 2001 e 2002.

A análise desses documentos não deixa dúvidas sobre a importância da abordagem da dimensão ecológica no processo formativo. Na maior parte dos cursos, as Diretrizes incluem no âmbito dos conteúdos relativos às ciências sociais e humanas, a importância de abordar-se o aspecto ecológico para a compreensão dos determinantes do processo saúde-doença de indivíduos e coletividades.

Em geral, depreende-se que há necessidade de fomentar o debate sobre o tema ambiental entre os diferentes atores sociais que compõem o campo da saúde, dentre eles, acadêmicos, docentes e trabalhadores da enfermagem. O aprofundamento de conhecimento sobre o tema, tanto na esfera da formação profissional como por meio da educação permanente para os trabalhadores da saúde, é fundamental para buscar uma reavaliação de visões, posições e ações, de forma a conduzi-los ao desenvolvimento de ações mais responsáveis com o meio ambiente⁽¹⁶⁾.

Ainda há um longo caminho pela frente, na tentativa de buscar-se a responsabilidade

socioambiental, contudo, algumas proposições constituem-se em estratégias que podem alavancar o alcance desse objetivo: incrementar o debate sobre saúde ambiental junto a escolas e comunidades; promover ações de educação ambiental relacionadas a minimização dos riscos decorrentes da interferência do homem no ambiente; fortalecimento da discussão sobre a Política Nacional de Educação Ambiental, em todos os níveis de ensino, de forma transversal, como mecanismo de promoção da saúde; promover a educação contínua sobre saúde ambiental; fortalecer políticas de educação e pesquisa em saúde ambiental⁽¹⁷⁾. Além disso, como já mencionado, a temática ambiental precisa constituir-se em tema transversal, como forma de propiciar o amadurecimento do processo reflexivo do educando e a sedimentação de valores condizentes com a necessária responsabilidade socioambiental na área da saúde.

CONCLUSÃO

O estudo revela que a abordagem da interface saúde e meio ambiente ainda não é consistentemente debatida nos cursos de graduação. Também evidencia que, quando essa abordagem ocorre, está normalmente restrita a disciplinas da área de saúde pública, orientadas por um viés de causalidade. Em função disso, não se verifica o desenvolvimento de experiências acadêmicas relacionadas ao tema ambiental, o que

pode ser considerado extremamente negativo para o processo formativo.

Os resultados apontam para a necessidade urgente de se ampliar o debate sobre a interface saúde e meio ambiente, visto ser uma demanda contemporânea que exige do setor saúde o estabelecimento de bases teóricas e práticas compatíveis com pressupostos éticos relacionados à responsabilidade com a preservação do planeta para essa e para as futuras gerações. A inclusão do tema nos currículos dos cursos de graduação na área da saúde, tanto por meio de disciplinas específicas, como enquanto tema transversal é fundamental para buscar-se o processo reflexivo necessário para a solidificação/construção de valores condizentes com uma postura de responsabilidade socioambiental, por parte dos futuros profissionais.

Nesse sentido, apresenta-se, como sugestão, o desenvolvimento de mais estudos relacionados à temática ambiental, como forma de fomentar o debate no âmbito da formação e da prática assistencial em saúde. A ideia é que, a partir dessas discussões, a área da saúde possa direcionar-se para a busca do desenvolvimento de ações concretas, rumo à convergência entre educação em saúde e educação ambiental, necessária para a sustentabilidade ambiental.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul pelo financiamento da pesquisa.

HEALTH AND ENVIRONMENT: SUBSIDES FOR REFLECTION IN THE ACADEMIC FORMATION IN THE HEALTH AREA

ABSTRACT

The study aimed to know how the environmental thematic are being discussed in the process of professional formation in the health area. Characterized as qualitative, of the exploratory-descriptive type and it developed with academic students of the health area of a public higher education institution. The data collected through a semi-structured interview and analyzed based on the orientation of content analysis. The results pointed to the urgent need to broaden the debate on health and environment interface, since it is a contemporary demand. In addition, revealed that the approach of the health and environment interface, when it happens, is superficial and guided by causality notions and centered in the linear process of health and disease. Similarly, was not realized the development of academic experiences related to the topic. We conclude that the health area courses do not approach appropriately the topic, what brings negative repercussions for the future professionals, in terms of socio-environmental responsibility.

Keywords: Nursing; Environmental health; Higher education; Environment; Health Sciences.

LA SALUD Y EL MEDIO AMBIENTE: SUBSIDIOS PARA LA REFLEXIÓN EN LA FORMACIÓN ACADÉMICA EN EL ÁREA DE LA SALUD

RESUMEN

El estudio tuvo el objetivo de conocer cómo la temática ambiental viene siendo abordada en el proceso de formación profesional en el área de la salud. Se caracteriza como estudio cualitativo, del tipo descriptivo-

exploratorio, realizado con alumnos de los cursos del área de la salud de una institución pública de enseñanza superior. Los datos fueron recolectados por medio de entrevista semiestructurada y analizados bajo la orientación del análisis de contenido. Los resultados señalaron para la necesidad urgente de ampliarse el debate sobre la interacción salud y medio ambiente, visto ser una demanda contemporánea. Revelaron, aun, que el abordaje de esta interacción, cuando ocurre, se presenta superficial y orientada por una noción de causalidad, centrada en el proceso linear salud y enfermedad. De la misma forma, no se percibió el desarrollo de experiencias académicas relacionadas al tema. Se concluye que los cursos del área de la salud no abordan suficientemente la temática, trayendo repercusiones negativas en lo que se refiere a la responsabilidad socio-ambiental, por parte de los futuros profesionales.

Palabras clave: Enfermería; Salud ambiental; Educación superior; Medio ambiente; Ciencias de la salud.

REFERÊNCIAS

1. Siqueira-Batista R, Rôças G, Gomes AP, Albuquerque VS, Araújo FMB, Messeder JC. Ecologia na formação do profissional de saúde: promoção do exercício da cidadania e reflexão crítica comprometida com a existência. *Rev bras educ med.* 2009; 33(2):271-75.
2. Camponogara S, Kirchhof ALC, Ramos FRS. Perspectivas para a qualidade de vida e a promoção da saúde no contexto da sociedade de risco. *Cienc Cuid Saude.* 2008 out-dez; 7(4):551-557.
3. Camponogara S, Soares SGA, Viero CM, Erthal G, Diaz PS, Peres RR, et al. Responsabilidade ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde. *Rev. enferm. UERJ.* 2012 jan-mar; 20(1):39-44.
4. Bruzos GAS, Kamimura HM, Rocha SA, Jorgetto TAC, Patrício KP. Meio Ambiente e Enfermagem: suas interfaces e inserção no ensino de graduação. *Saúde Soc.* 2011; 20(2):462-69.
5. Beserra EP, Alves MDS, Pinheiro PNC, Vieira NFC. Educação ambiental e enfermagem: uma integração necessária. *Rev bras enferm.* 2010 set-out.; 63(5):848-52.
6. Lopes MSV, Ximenes, LB. Enfermagem e saúde ambiental: possibilidades de atuação para a promoção da saúde. *Rev bras enferm.* 2011 jan-fev; 64(1):72-7.
7. Gil AC. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6ª. ed. São Paulo: Atlas; 2011.
8. Bardin L. Análise de conteúdo. Portugal: Edições Lisboa; 2009.
9. Gallo E, Setti AFF, Magalhães DP, Machado JMH, Buss DF, Netto FAF, et al. Saúde e economia verde: desafios para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza. *Cienc. saúde colet.* 2012 jun; 17(6):1457-68.
10. Sena J, Cezar-Vaz MR, Bonow CA, Figueredo PP, Costa VZ. Uma prática pedagógica através das racionalidades socioambientais: Um ensaio teórico da formação do enfermeiro. *Texto & contexto enferm.* 2010 jul-set; 19(3):570-577.
11. Camponogara S. Saúde e meio ambiente na contemporaneidade: o necessário resgate do legado de Florence Nightingale. *Esc Anna Nery.* 2012 jan-mar; 16(1):178-184.
12. Heidemann ITSB, Boehs AE, Fernandes GCM, WosnyJamila AM, Marchi JG. Promoção da saúde e qualidade de vida: concepções da Carta de Ottawa em produção científica. *Cienc cuid saude.* 2012 jul-set; 11(3):613-619.
13. González-Gaudiano E, Lorenzetti L. Investigação em educação ambiental na América: mapeando tendências. *Educação em Revista.* 2009; 25(3):191-211.
14. Carvalho ICM, Steil CA. O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. *Revista Educação e Realidade.* 2009 set-dez.; 34(3):81-94.
15. Brasil. RDC nº 306, de 07 de dezembro de 2004. Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. 07 dez 2004.
16. Camponogara S, Ramos FRS, Kirchhof ALC. A problemática ecológica na visão de trabalhadores hospitalares. *Ciência saúde colet.* 2011; 16(8):3561-3570.
17. Brasil. Relatório Final da 1ª Conferencia Nacional de Saúde Ambiental. Brasília(DF); 2010.

Endereço para correspondência: Silviomar Camponogara. Rua Visconde de Pelotas, 1230/201, CEP 97015-140. Santa Maria/RS, Brasil

Data de recebimento: 11/04/2013

Data de aprovação: 30/07/2013